

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA
FRANKLIN NATHANIEL NASCIMENTO RIBEIRO**

**UM OLHAR SOBRE A EMOÇÃO:
AS TRANSMISSÕES DE FUTEBOL NO RÁDIO E NA TV**

Juiz de Fora
2019

FRANKLIN NATHANIEL NASCIMENTO RIBEIRO

**UM OLHAR SOBRE A EMOÇÃO:
AS TRANSMISSÕES DE FUTEBOL NO RÁDIO E NA TV**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do diploma de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Ms. Gilze Freitas Bara

Juiz de Fora

2019

RIBEIRO, Franklin. Um olhar sobre a emoção: as transmissões de futebol no rádio e na TV. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Graduação em Jornalismo do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, realizado no 2º semestre de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Gilze Freitas Bara
Orientadora

Prof. Ms. Renata Venise Vargas Pereira
Membro convidado 1

Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade
Membro convidado 2

Examinado em: 06/12/2019

Conceito: _____



Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Jornalismo

Um olhar sobre a emoção: as transmissões de futebol no rádio e na TV¹

Franklin Nathaniel Nascimento RIBEIRO²

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Gilze Freitas BARA³

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Esta pesquisa promove uma discussão sobre as diferenças entre a narração de futebol no rádio e na televisão no Brasil. Nosso objetivo foi compreender o cenário das transmissões nos dois meios de comunicação perante a recepção do público: homens e mulheres, que gostam de futebol. Para isso, estudamos alguns aspectos desse esporte, da história do jornalismo esportivo no país e sua prática, das características do rádio e da TV, além de narrações de partidas nos dois meios. Também realizamos um grupo focal, que assistiu e debateu sobre lances de futebol narrados no rádio e na televisão.

Palavras-Chave: Narração. Futebol. Rádio. Televisão.

1 INTRODUÇÃO

Entre as diversas especialidades do jornalismo, o esportivo pode ser considerado como um dos que mais interferem na emoção da audiência, visto que o noticiário de esporte lida com pessoas que se unem por símbolos e/ou cores em uma única comunidade. Seres humanos de diferentes culturas e condições socioeconômicas se juntam em torno de um mesmo evento, como um jogo de futebol, em um fenômeno praticamente impossível de ser ignorado pela mídia. E quando tal união se dá na frente da tela de uma televisão ou pelas ondas do rádio, é com a narração esportiva que os indivíduos, já amantes de futebol, passam a ser envolvidos

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo.

² Graduando do curso de Jornalismo pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

³ Professora do curso de Jornalismo do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora e orientadora desta pesquisa.

em um novo processo: torcer pelo seu time do coração, acompanhados da voz dos narradores de futebol.

Este estudo pretende compreender a emoção suscitada no público pela atuação dos narradores esportivos, nesse processo que explora um tipo específico de transmissão: um jogo de futebol. Enquanto o rádio busca atingir o imaginário do ouvinte, a TV traz a imagem pronta para o telespectador. Essa pesquisa nos permite analisar o fato de que as partidas narradas pelo rádio se popularizaram pela linguagem utilizada, por vezes carregada de emoção, e pela atuação dos narradores radiofônicos, enquanto o jogo na televisão ganhou uma nova dimensão com a evolução tecnológica, a partir do momento em que novas técnicas deram um outro formato às transmissões.

Neste trabalho, buscamos uma base teórica consistente para aprofundar a discussão, a partir de autores que possuem uma larga vivência na área, na qual as experiências obtidas se tornaram importantes obras bibliográficas para a compreensão dos fatos apontados neste estudo. Parte fundamental no canal de comunicação – narrador e telespectador / locutor e ouvinte – apresentado nesta pesquisa, o torcedor também é analisado para o colhimento de dados que sustentem este estudo através da metodologia de pesquisa proposta pelo modelo de grupo focal já que, como parte empírica deste trabalho, pretendemos analisar a recepção do público diante das narrações de futebol no rádio e na televisão.

2 UM POUCO SOBRE O JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

O início da trajetória do jornalismo esportivo em território brasileiro divide opiniões, mas, para Paulo Vinicius Coelho (2006), os primeiros relatos são da primeira metade do século XX, no jornal **Fanfulla**. O periódico, que circulava na cidade de São Paulo, na década de 1910, trazia divulgação esportiva em suas páginas. Muitas das publicações do jornal atingiam um numeroso segmento da população da cidade, correspondido pelos imigrantes italianos. O resultado disso seria, mais tarde, a fundação do Palestra Itália, hoje Palmeiras, por influência daquele jornal. Simpatia italiana à parte, os primeiros grandes relatos do esporte brasileiro também foram gravados pelas páginas do periódico. Coelho (2006) aponta ainda que os primeiros anos do futebol brasileiro foram salvos, em páginas inteiras, na **Fanfulla**, em um período em que a modalidade ainda não era cativante para a multidão. Ainda não se

conhecia o que hoje se entende por jornalismo esportivo, mas os textos permitiram, às redações futuras, saber da origem de clubes como Corinthians e Santos e que o Flamengo foi fundado para a prática do remo em 1895 e só 16 anos depois surgiu o futebol no clube. A primeira cesta no basquete; o vôlei e o primeiro saque no Brasil – os registros estavam garantidos (COELHO, 2006).

Anos mais tarde, na década de 1930, incentivado pelo impulso que o Rio de Janeiro dava ao Brasil, surgiu na cidade o primeiro diário dedicado exclusivamente aos esportes no país. O **Jornal dos Sports** chegava com a missão de lutar pela mudança da realidade do jornalismo esportivo naquele período. “Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade” (COELHO, 2006, p. 9). Somente no final da década de 1960, os cadernos esportivos começaram a fazer parte dos jornais. E, na segunda metade dos anos 1960, o Brasil passou a ocupar a lista dos países com uma imprensa esportiva de larga expressão, quando os cadernos esportivos eram mais presentes e de maior volume nos grandes jornais.

2.1 A PRÁTICA DO JORNALISMO ESPECIALIZADO ESPORTIVO

Muitas vezes confundido com entretenimento, o jornalismo esportivo tem sua atuação específica. “Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 13). O esporte, enquanto produto midiático e cultura de massa, ampliou a dimensão das redações esportivas. Isso porque gerou o envolvimento com outras atividades, ligadas indiretamente com a prática do jornalismo, como a publicidade, o marketing e a política privada dos clubes, federações e empresas.

No entanto, na prática, gostar de esporte não é o bastante para se tornar um jornalista esportivo, pois a atividade jornalística requer dedicação para apurar a informação e escrever. E, além disso, Celso Unzelte (2009) aconselha que

[...] para ser bom jornalista esportivo, não basta saber escalações de equipes e listas de campeões de cor, conhecer esquemas táticos, “entender”, enfim, de futebol ou de outros esportes. A prática do (bom) jornalismo esportivo é, antes de tudo, a prática do próprio jornalismo, de suas técnicas, e de seus conceitos mais sagrados (e consagrados), como a objetividade e a imparcialidade (UNZELTE, 2009, p. 9).

Na sugestão de pautas, o jornalista esportivo deve estar antenado com o assunto. Isso inclui o acompanhamento sobre o tema e uma pesquisa bem-sucedida. Na apuração, entender os esportes é uma largada na frente dos outros. A maior intimidade com o tema permite mais possibilidades de conseguir melhores fontes para a matéria ou cobertura esportiva (UNZELTE, 2009).

Outra característica importante no cenário do jornalismo esportivo é o improviso. Para Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2006), o ato de improvisar é visto como uma marca das transmissões esportivas. Isso não significa ignorar as regras da língua portuguesa, mas tornar a linguagem acessível a todos os públicos, ainda que o jornalismo esportivo seja direcionado a um público-alvo específico. Como também não significa sair falando sem planejamento.

2.2 NO RÁDIO E NA TELEVISÃO

Ainda que exista uma discussão sobre a autoria da primeira transmissão de futebol no rádio no Brasil, inquestionável é a característica mais descritiva das narrações.

Enquanto Nicolau Tuma, locutor da Rádio Educadora Paulista, narrou em 1931 uma partida entre as seleções de São Paulo e Paraná, em jogo válido pela oitava edição do Campeonato Brasileiro de Futebol, na década 1920, Amador Santos já era responsável por fazer transmissões no Rio de Janeiro. Segundo Márcio Guerra (2012), a polêmica apontava uma diferença de que

[...] Amador narrava de forma mais lenta e num estilo mais próximo do que fazem os locutores esportivos na televisão. O que Tuma fez foi dar um ritmo à narrativa completamente diferente, daí ter recebido o apelido de **speaker metralhadora** (GUERRA, 2012, p. 26).

No rádio, procura-se a valorização da voz, atrelada à emoção, a dicção e a cadência de uma transmissão com efeitos de som e ritmo. Além disso, conforme aponta Guerra (2012, p. 75), “a entonação do narrador esportivo no rádio permite perfeitamente que o ouvinte esteja com a noção de por onde anda a bola”.

Para Schinner (2004), a norma de transmissão na TV segue uma tradição do rádio junto a um processo migratório dos profissionais, trazendo a público uma supervalorização da imagem.

A TV fala por si só e não esconde segredos. Nas TVs abertas a narração deve ser mais ilustrativa e o conteúdo, mais ancorado. Quando digo ancorado estou me referindo à maneira pela qual você vai conduzir a transmissão. [...] Nas TVs por assinatura a narração é mais informativa e o conteúdo, mais enxuto (SCHINNER, 2004, p. 76-77).

A influência do rádio dificultou o ajuste de linguagem na TV, mas a nova tecnologia tornou a transmissão esportiva ilustrativa, em função da imagem. “A evolução tecnológica trouxe mais câmeras, novos ângulos, novas possibilidades de narrativas” (GUERRA, 2012, p. 93). A dificuldade em mexer com o imaginário do torcedor, como o rádio fazia com sucesso, abriu espaço para a televisão adotar um recurso de disponibilização de um banco de dados, com números da partida, e, com isso, enriquecer a transmissão – sem contar, claro, com os recursos imagéticos proporcionados pelo audiovisual.

Em seguida, no próximo item, abordaremos a narração de futebol, bem como as marcas das narrações no rádio e na televisão e a emoção advinda de tais transmissões.

3 A NARRAÇÃO DE FUTEBOL

Conforme Schinner (2004, p. 69), “na linguagem oral, narrar é o mesmo que comunicar, comunicar-se, descrever, contar, relatar, transmitir, interagir. Todos são sinônimos de comunicação em sua expressão mais ampla”. O profissional do microfone deve se lembrar de que é um comunicador e, por isso, precisa seguir algumas normas básicas que se relacionam à descrição daquilo que se vê, ao relato do fato jornalístico, à transmissão de um evento, à interação com o ouvinte ou telespectador e à condução da entrevista esportiva.

3.1 A JORNADA ESPORTIVA E SEUS PROTAGONISTAS

Jornada esportiva é o nome da transmissão de um jogo ou competição. A abertura ou pré-jogo é relevante no cenário das transmissões esportivas. É o momento em que são dadas as informações iniciais sobre o que será transmitido. Descrições como a importância do jogo, o local da partida, os times envolvidos, a torcida e as condições climáticas para o confronto aparecem como integrantes do pré-

jogo. Para Schinner (2004, p. 185), “uma boa abertura é caminho certo para o êxito do trabalho e de uma ótima transmissão”.

Durante o jogo, a narração da partida é o fator principal da transmissão. Ela deve estar atenta à velocidade e ao ritmo. O locutor deve ser ágil, dosando emoção e velocidade ao passar as informações aos ouvintes ou telespectadores. Para Barbeiro e Rangel (2006), nesta etapa, o locutor também deve ser um âncora esportivo, mediando a transmissão do evento ao público junto às intervenções de repórteres e comentaristas.

Já o pós-jogo é o momento de encerramento e avaliação do que foi a partida transmitida. A atuação dos repórteres no campo traz um balanço final dos personagens do espetáculo, com entrevistas, assim como a análise do comentarista, que vai concluir o resultado da partida. Durante essa parte final, é possível ter maior dimensão do que foi o jogo diante das informações gerais obtidas pelo resultado do confronto.

O narrador, ou o âncora da cobertura esportiva, é a figura mais importante durante a transmissão. Além de dosar emoção e velocidade, ele precisa saber improvisar. E improvisar “é sinônimo de preparo e conhecimento do assunto” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 95). A televisão não exige tanto do narrador quanto o rádio, em que ele precisa atingir o imaginário do torcedor e levá-lo para dentro do estádio.

A explicação do jogo, envolvendo as análises do que acontece em campo, é função do comentarista esportivo. Como apontado por Barbeiro e Rangel (2006), a função não é fácil, porque não adianta falar o óbvio, sendo preciso antecipar os fatos diante de um conhecimento adquirido pelo estudo, pela vivência e pela experiência no esporte.

O repórter, aqui tratado por aquele que vai estar dentro do campo, tem a função de acompanhar de perto os lances do jogo e o que acontece ao redor das quatro linhas, dando suporte à cabine de transmissão e transmitindo os detalhes dos lances. Hoje, os repórteres no estádio não ficam mais, exclusivamente, atrás do gol, como antes. Eles são mais interativos e participativos durante a transmissão da partida de futebol (BARBEIRO; RANGEL, 2006).

3.2 O JOGO NARRADO NO RÁDIO E NA TELEVISÃO

A narração de uma partida de futebol no rádio carrega uma característica mais descritiva em comparação à narrativa utilizada pela televisão. Isso porque a ausência da imagem exige que o narrador passe aos ouvintes um maior detalhamento dos times, dos uniformes, das jogadas e do ambiente do jogo. Segundo Guerra (2002), o rádio descobriu uma forma de linguagem específica para a transmissão do futebol:

Rádio e futebol caíram no gosto popular de forma bem semelhante. A prática e a produção de um clima de encantamento durante o jogo e a sensação de equidade que ele proporciona, em princípio, com igualdade de chances e de possibilidades. A narração de uma partida pelo rádio se utiliza do conhecimento desse encanto e busca nos recursos empregados levar a magia do espetáculo ao torcedor, fazendo com ele praticamente outro jogo (GUERRA, 2002, p. 11).

A linguagem utilizada pelo rádio, durante a transmissão de uma partida de futebol, alinhou-se à imaginação do torcedor para garantir uma melhor interatividade durante o jogo. Esse fato, ainda segundo Guerra (2002), trouxe à transmissão radiofônica uma narrativa particular, ainda não superada pela TV. O que explica, também, a forte identificação de muitos torcedores com o rádio, mesmo com as novas mídias ganhando força.

Diferentemente do estilo adotado pela transmissão no rádio, uma partida de futebol na televisão adquire um formato mais discursivo em sua transmissão. Como apontado por Schinner (2004), a TV valoriza a imagem em larga escala. Ela fala por si mesma, sem esconder segredos. A narração atinge um perfil mais ilustrativo e o conteúdo passa a ser mais ancorado. Enquanto a linguagem foi uma dificuldade de adaptação diante do que havia sido proposto pelo rádio, a evolução tecnológica pode aproximar o espectador do jogo, com o detalhamento dos lances e os números da partida.

Outro ponto que marca a narração na televisão, conforme Guerra (2012), é o desafio da precisão que o avanço tecnológico induziu com a chegada da TV:

A tecnologia trouxe para os narradores o desafio da precisão, mais a possibilidade deste progresso servir como facilitador pela possibilidade de ajustar e corrigir sua transmissão pela quantidade de ângulos e informações que as imagens oferecem (GUERRA, 2012, p. 102).

Ainda de acordo com Guerra (2012), a disposição das câmeras, espalhadas ao redor dos campos, impôs uma mudança à narração, na medida em que o narrador

passou a ser mais exigido. E os novos ângulos do evento permitiram que os locutores passassem a ser mostrados nos jogos, modificando a estética de apresentação dos envolvidos na transmissão do espetáculo esportivo.

3.3 A EMOÇÃO NA TRANSMISSÃO DO FUTEBOL

Fruto de uma cultura nacional, o esporte já carrega uma dose de emoção por conta própria. E essa ligação com o esporte foi impulsionada em dois momentos distintos, com referências ao rádio e à TV.

Não são poucos aqueles que afirmam que a espetacularização do esporte surge com a televisão. Se o rádio deu ao futebol a popularização entre os brasileiros e o transformou em paixão, a televisão o transformou em espetáculo e em negócio. No entanto, diante da força que a narrativa radiofônica sempre teve, não deve ser considerado exagero dizer que também o rádio contribuiu para a transformação de jogadores em heróis (GUERRA, 2012, p. 63).

A emoção está na alma do futebol e pode ser vista na comemoração do gol, na tristeza pela derrota, na vibração da torcida. E na narração de um jogo, alguns narradores são aplaudidos por saberem mexer com a emoção do torcedor. No entanto, essa emoção “deve estar na dose certa e sempre recheada de isenção” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 64). Durante a transmissão de uma partida, a emoção precisa estar na medida certa e ter um limite, a fim de que se evite um conflito ético propagado pelos exageros.

Em uma comparação direta, rádio e TV se diferem bastante no que diz respeito à emoção transmitida na figura do locutor/narrador. Como apontou Guerra (2002), a relação de uma narrativa, em linguagem popular, com o espetáculo que se tornou o futebol faz

[...] a diferença de transmissão do rádio para a televisão. Por mais que Galvão Bueno coloque a emoção e a paixão na sua narrativa pela TV, falta o sentimento de participação e de diálogo com o torcedor, que a linguagem do rádio soube perfeitamente traduzir dentro da narrativa dos jogos de futebol (GUERRA, 2002, p. 44-45).

A transmissão esportiva no rádio trouxe uma imagem através da palavra, junto a uma emoção que a televisão não conseguiu copiar, ou sequer adaptar. Por outro lado, as transmissões na TV permitem observar as manifestações de emoção dos

jogadores, o que para Barbeiro e Rangel (2006, p. 68), “tem consequências imediatas no impacto que causam nas pessoas que as recebem. O telespectador tenta constantemente interpretar as emoções dos atletas”.

Não é à toa que, ainda hoje, pessoas assistem aos jogos de futebol pela TV enquanto ouvem a transmissão da mesma partida pelas ondas do rádio, buscando a emoção em ambos os meios, como veremos na seção seguinte.

4 FUTEBOL & RÁDIO & TV & NARRAÇÃO & EMOÇÃO

Como nosso objeto empírico de estudo é a narração de jogos de futebol no rádio e na televisão, com atenção à emoção suscitada pelos narradores, fizemos nossa pesquisa em dois momentos diferentes. Primeiramente, observamos quatro lances, de duas partidas, narrados no rádio e na TV. Posteriormente, realizamos um grupo focal para investigar as percepções dos participantes em relação ao assunto.

4.1 OS MESMOS LANCES NARRADOS EM DIFERENTES MEIOS

O primeiro jogo que teve lances observados foi entre Palmeiras e Atlético Mineiro, em disputa válida pelo Campeonato Brasileiro de 2019. A partida foi realizada no dia 06 de outubro, no Allianz Parque, e terminou em 1x1. Os quatro lances tiveram, na televisão, narração de Jota Júnior, pelo canal fechado **Premiere**, e, no rádio, de Oscar Ulisses, da **Rádio Globo de São Paulo**. As jogadas foram as seguintes: um ataque da equipe do Palmeiras, com defesa do goleiro adversário; um outro ataque alviverde, com um gol anulado; um cruzamento do time do Atlético Mineiro, que culminou com uma cabeçada de um jogador atleticano e uma defesa do goleiro palmeirense; e o gol da equipe mineira.

Já no primeiro lance observado desse jogo foi possível perceber a diferença entre a narração no rádio e na TV. Após uma cobrança de escanteio para o Palmeiras, a bola sobrou para um meio-campista da equipe, que a levantou dentro da área para a cabeçada de um companheiro em direção ao gol, com defesa tranquila do goleiro. Ao assistir o lance pela televisão, é possível perceber a jogada com naturalidade. No entanto, ao ouvir a narração de Oscar Ulisses, pode-se ter a impressão de que o goleiro tenha feito uma defesa considerada difícil – algo que não ocorreu. O narrador da **Rádio Globo** colocou ritmo, velocidade e emoção em maior carga do que Jota

Júnior pela televisão. Como dito por Guerra (2002, p. 59), “a narração esportiva feita pelas emissoras de rádio é exatamente isso. É ver algo a mais que a bola, o lance em si”.

O segundo lance observado traz a força da imagem televisiva. Isso porque, logo após a narração do impedimento no gol do Palmeiras, uma sequência de imagens levou o telespectador a ver o bandeirinha agindo e marcando o impedimento. Depois, o torcedor assistiu novamente a jogada, por outro ângulo, e observou o gol anulado. Já na narração de rádio, o torcedor ficou limitado a ouvir o narrador Oscar Ulisses: “Não valeu, não valeu! Impedido William. O juiz levanta o braço, aponta o local do impedimento atendendo o bandeira, que esperou a conclusão do atacante do Palmeiras para marcar o impedimento”.

No terceiro lance, quando o lateral do Atlético Mineiro recebeu a bola e fez o cruzamento em direção ao gol, pela narração do rádio foi possível perceber o detalhamento da descrição do lance. Desde o momento inicial até a cabeçada para o gol, que terminou com a defesa do goleiro do Palmeiras, Oscar Ulisses narrou cada trajetória da bola até a conclusão da jogada. Pela televisão, Jota Júnior foi mais sucinto com a sequência do lance. Isso vai ao encontro da necessidade do narrador de rádio em detalhar todos os lances para suprir a ausência da imagem e atingir o imaginário do torcedor.

No último lance desse confronto, o gol do Atlético Mineiro, o jogador avançou pelo meio-campo, passou pelos dois marcadores palmeirenses e finalizou para a rede. Nas duas narrações, há uma diferença nítida de carga de emoção que os narradores colocaram no grito de gol, o que reitera a maior vibração como sendo a do rádio. Enquanto o narrador da televisão leva cinco segundos com o grito de gol, o narrador de rádio demora doze segundos. Segundo Guerra (2002), “o rádio esportivo sempre foi um caminho aberto à criatividade de quem faz parte desse mundo” e é nos gritos de gol que se evidenciam os bordões de narradores, que passam a se tornar frequentes. Nesse lance, Ulisses trouxe o seu “É bola na rede...”, comum às suas transmissões.

A segunda partida observada foi o jogo Flamengo x Grêmio, pela Copa Libertadores da América, no dia 23 de outubro de 2019, no Maracanã, que terminou com o placar de 5x0 para o time rubro-negro. Os quatro lances, na TV com narração de Nivaldo Pietro, pelo canal **Fox Sports**, e no rádio por Luiz Penido, da **Rádio Globo do Rio de Janeiro**, foram: um ataque do time do Grêmio, pela esquerda, com uma

finalização cruzada em direção ao meio da pequena área; gol do Flamengo, após cobrança de escanteio; penalidade a favor do Flamengo; e um chute de fora da grande área, em ataque da equipe tricolor.

Em jogada no primeiro tempo da partida, um atacante do Grêmio recebeu a bola pela esquerda, encarou o marcador e bateu rasteiro, de forma cruzada, para dentro da área. O goleiro rubro-negro espalmou a bola, que foi em direção a outro jogador gremista, que finalizou para nova defesa do goleiro do Flamengo. Nesse lance, as duas narrações, tanto no rádio quanto na TV, apresentaram um nível alto de emoção por parte dos narradores, ainda que no rádio – e, neste caso, pela própria característica já conhecida de Luiz Penido – o teor de vibração tenha sido mais forte.

No segundo lance, um gol do Flamengo já no segundo tempo do jogo, após uma cobrança de escanteio, a bola sobrou na grande área para que o centroavante rubro-negro finalizasse para o fundo da rede. Aqui neste lance, os narradores se aproximaram no tempo do grito de gol, com sete segundos na TV e nove segundos no rádio. Os bordões, agora de Penido, voltaram a marcar presença, como: “Mengão... querido... do coração...” e “É do Flamengo, do asfalto, do morro, de Deus, do povo e do meu coração”. Mas o destaque foi que, na transmissão pela TV, as câmeras mostraram além do gol, evidenciando as reações no campo. Isso confirma o que foi apontado por Guerra (2012), que a estratégia da televisão

[...] foi aproximar o espectador do jogo. Técnica buscada no cinema. Ver mais de perto os lances, transformando as câmeras em olhos virtuais do torcedor, seguindo a bola e mostrando a reação do jogador, do treinador e do próprio torcedor, aproximou a narrativa do público (GUERRA, 2012, p. 93).

O terceiro lance observado foi referente a um pênalti para o time do Flamengo. O atacante rubro-negro recebeu a bola dentro da área e, após um passe do lateral, ele avançou, sendo derrubado por um dos defensores do Grêmio. A transmissão televisiva chamou a atenção, na medida em que a evolução tecnológica permitiu uma exploração de diferentes ângulos da jogada. Com isso, o lance foi mostrado ao público por diferentes câmeras, enquanto o narrador da TV descrevia a ação. No rádio, observa-se que o narrador aponta sua torcida para o Flamengo ao narrar o lance da equipe, vibrando com a situação: “Pênalti contra o Grêmio, na troca de passes do Mengão, altamente envolvente minha gente... na manobra do Mengão... que vinha mais que demais... Eu dou um like para o Mengão.”

Por fim, no último lance selecionado dessa partida, o atacante do Grêmio finalizou de fora da área, e o goleiro do Flamengo espalmou a bola para a linha de fundo. Nessa jogada, o narrador do rádio pareceu se assumir como parte da torcida rubro-negra, diferenciando-se na vibração do lance favorável ao time gremista. Isso contrastou com a forma em que ele agiu no terceiro lance, que foi o pênalti para o Flamengo, quando Penido colocou uma grande carga de vibração. Nesta partida, o narrador, de uma rádio do Rio de Janeiro, estava transmitindo um jogo decisivo de um clube do mesmo estado. Conforme Guerra (2012), isso pode afetar na identificação do público: “É isso que muitos torcedores-ouvintes alegam para justificar a preferência por esse ou aquele locutor” (GUERRA, 2012, p. 40). O narrador passa a se colocar no lugar do ouvinte, pois, se colocando como ele, reagindo por ele e dirigindo-se a ele, ocorre uma aproximação entre ambos e, com isso, uma fidelização da audiência.

4.2 A PERCEPÇÃO DO PÚBLICO SOBRE AS NARRAÇÕES NO RÁDIO E NA TV

Com o objetivo de analisar a percepção do público sobre as transmissões de futebol no rádio e na televisão, realizamos um grupo focal, metodologia de pesquisa de recepção que permite conhecer opiniões de um conjunto de pessoas reunidas para dar suas impressões a respeito de um assunto. Este tipo de pesquisa qualitativa, segundo Maria Eugênia Belczak Costa (2005, p. 189), é adequado para se obter “[...] um conjunto de percepções e não simplesmente uma relação de perguntas e respostas de um para um”. Segundo a autora, o grupo focal é “uma alternativa valiosa para quem quer ouvir, perceber e compreender as experiências e crenças dos participantes de um grupo” (COSTA, 2005, p.191).

O grupo focal foi realizado no dia 01 de novembro de 2019, no Laboratório de Rádio do curso de Comunicação Social do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. O convite foi feito a dez pessoas, com profissões e idades variadas, que assistem futebol na TV e/ou escutam a narração pelo rádio. Apesar de todos os convidados terem confirmado presença, um deles não compareceu, e o grupo se fechou com nove pessoas, sendo três mulheres: uma estudante de Jornalismo de 21 anos, espectadora frequente de jogos na televisão e que esporadicamente ouve futebol pelo rádio; uma jornalista de 37 anos, que tem assistido futebol com maior frequência pela TV e que, às vezes, escuta a narração pelo rádio; e uma dona de casa de 61 anos, que acompanha jogos de futebol pela TV e pelo rádio. Os demais sete integrantes foram

homens: um estudante do Ensino Médio de 15 anos, que frequentemente assiste futebol pela TV e escuta com menos frequência pelo rádio; um estudante de jornalismo de 21 anos, observador frequente do futebol na televisão, mas que não ouve muito pelo rádio; um publicitário de 24 anos, que é bem frequente assistindo aos jogos de futebol pela televisão e que não escuta um jogo pelo rádio há um bom tempo; um jornalista de 24 anos, assíduo telespectador de jogo na TV e também frequente ouvinte de rádio; um assistente social de 58 anos, mais assíduo assistindo aos jogos na televisão; e um engenheiro de 68 anos, que assiste mais pela TV do que escuta pelo rádio.

O grupo foi formado em um semicírculo, com o objetivo de facilitar a visualização de um vídeo que seria mostrado no decorrer da sessão. Os assentos foram dispostos à livre escolha dos participantes, sendo que, da esquerda para a direita da imagem projetada, as mulheres sentaram nas cadeiras seis, oito e nove, e os homens nas demais. A cadeira quatro ficou vazia. O grupo focal começou às 7h44 e terminou às 8h57. No começo, foi feita uma breve apresentação da pesquisa, do pesquisador e da orientadora do trabalho, que acompanhou todo o processo de realização do grupo focal. O pesquisador, também mediador do encontro, informou não haver respostas certas ou erradas e que o importante era a diversidade de opiniões. A sessão se dividiu em três momentos: uma primeira sequência de perguntas; depois a transmissão de um vídeo com narrações de futebol na TV e no rádio; e, após isso, uma segunda rodada de perguntas.

Na primeira rodada, foram feitas duas perguntas: “O que você considera ser diferente entre as transmissões nos dois meios?” e “Você consegue observar a diferença de ritmo e velocidade entre a narração no rádio e na TV?”. Após este momento, foi mostrado o vídeo, com duração de seis minutos e nove segundos, contendo narrações radiofônicas e televisivas dos quatro lances das duas partidas de futebol descritas no item 4.1. Na segunda rodada de perguntas, as questões foram: “O que você achou das narrações dos mesmos lances na televisão e no rádio?” e “Você prefere acompanhar o jogo pelo rádio, pela televisão ou por ambos (ver na TV ouvindo o rádio)? Aliás já fez isso alguma vez?”. A partir das perguntas, tanto na primeira rodada, quanto no segundo momento de questionamentos, os participantes do grupo focal foram se pronunciando e algumas questões importantes foram apontadas, sendo incluídas no relato a seguir.

Ainda que cada participante tenha colocado um ponto de vista diferente, foi possível observar uma unanimidade. Todos concordaram que a emoção no rádio, na narração de uma partida de futebol, é maior do que na televisão. Segundo o assistente social de 58 anos, “o rádio é a emoção, o instante. A imaginação você cria. Na minha cabeça, eu vejo o lance, ouvindo a voz do narrador. É vibrante”. Para o publicitário de 24 anos, todo jogo narrado no rádio parece ser uma final de campeonato: “Por causa da ausência da imagem, da emoção. Se o narrador não te prender, você pode não ficar ali e até nem entender o que está acontecendo no jogo”. Um ponto levantado pelo assistente social foi o hábito de, às vezes, ver o jogo na TV com o som desligado, porém acompanhando a narração do rádio. Hábito lembrado também pela jornalista de 37 anos, mas que hoje ocorre com menos frequência por um motivo: o *delay*⁴ das transmissões. “Às vezes, meu pai fica vendo o jogo na TV comigo, no sofá, e, ouvindo o rádio, ele já sabe que foi gol”.

Conforme destacado pelo estudante do Ensino Médio de 15 anos, há outro detalhe envolvendo a narração de futebol no rádio e na TV. Os dois tipos de narração podem interferir também na forma como as opiniões dos torcedores são expostas no momento ou após o jogo. “Num simples lance em que a bola vai para a linha de fundo, na narração do rádio, pela carga de emoção, parece que quase foi gol. Agora, na televisão, ao ver o lance, você já está xingando o jogador porque ele errou o gol.”

Em sua fala, o jornalista de 24 anos apontou que costuma variar o meio como vai acompanhar o jogo, dependendo de quem está narrando. Ele disse que quando um narrador da TV não está alinhado com o telespectador, em termos de emoção, opta por baixar o volume do aparelho e escutar pelo rádio. A jornalista de 37 anos concordou e completou reclamando que alguns narradores tecem comentários desnecessários na transmissão de televisão, o que acaba fazendo com que ela deixe a TV sem som, passando a escutar o jogo pelo rádio: “O torcedor já sabe a diferença dos dois veículos. O rádio é a verdade. Você não está vendo e não pode contestar. Na televisão, você está vendo e pode contestar”.

No contexto dos dois modelos de narração, o engenheiro de 68 anos deu destaque para os narradores de rádio, que assumem a torcida na hora do jogo, mesmo que, na realidade, não sejam torcedores do time que está em campo. “O Luiz Penido,

⁴ Designação técnica para os atrasos do som ou dos sinais, em circuitos elétricos transmitidos via satélite, normalmente em relação à imagem. Fonte: Dicionário Online de Português. Disponível em <<http://www.dicio.com.br/delay>>

por exemplo. Ele assume o time, a torcida. Se está jogando o Flamengo, ele é Flamengo. É bacana isso. Eu não conseguiria. Então, os narradores de rádio são fantásticos”.

Após assistirem aos quatro lances de cada uma das duas partidas selecionadas, os participantes do grupo focal fizeram novas observações. A dona de casa de 61 anos argumentou que o rádio não traz só emoção, mas também aumenta o nervosismo para o torcedor que acompanha o jogo. O fato de ela estar vendo pela TV a deixa mais tranquila no decorrer da partida.

Questionados se os lances narrados na TV e no rádio pareciam de fato os mesmos, as opiniões evidenciaram uma unanimidade para a diferença de narração em um deles. O estudante de 15 anos lembrou do primeiro lance transmitido no vídeo, que mostrou um ataque do time do Palmeiras, que resultou na defesa do goleiro do Atlético Mineiro: “O lance na TV, em que o goleiro só encaixa a bola entre as mãos, parece que foi uma defesa monumental na narração de rádio”. Todos concordaram. Por outro lado, a estudante de jornalismo de 21 anos disse que os lances da partida entre Flamengo x Grêmio se assemelharam bastante entre as narrações na televisão e no rádio. Tal apontamento teve a concordância do jornalista de 24 anos, que completou dizendo não ter visto muita diferença entre a narração de Nivaldo Pietro, pela **Fox Sports**, e a de Luiz Penido, pela **Rádio Globo do Rio de Janeiro**.

Após um questionamento sobre a possibilidade de, no rádio, a emoção passar do limite, podendo deixar de ter a veracidade das informações, todos concordaram que o fato existe. Mesmo assim, consideraram isso passível de entendimento em função das características do meio. O assistente social afirmou que parece ser um desafio a capacidade de equalizar a situação, em não perder a emoção e, ao mesmo tempo, não exagerar: “Acho que vai muito do profissional, com a identificação da linguagem que ele tem. Eu fiquei arrepiado com a emoção da narração do rádio que ouvi aqui”. A jornalista de 37 anos concordou que o exagero existe, dizendo que, pelo fato de os narradores de rádio terem o poder da verdade por estarem narrando o que o ouvinte não está vendo, eles podem acabar exagerando em alguns momentos. Já o estudante de jornalismo de 21 anos argumentou que, em um único dia, a opção para ver um jogo na TV pode se limitar a um ou dois canais, enquanto o mesmo jogo, no rádio e com a Internet, pode ser transmitido por uma maior quantidade de veículos: “O narrador precisa ser diferente pra manter o ouvinte com ele”.

Como uma observação importante neste grupo focal, está o fato de que todos os integrantes concordaram que a emoção no rádio é maior do que na televisão. Mas ficou claro, também, que a força da imagem televisiva supera a emoção do rádio na preferência dos participantes da pesquisa na hora de escolher um meio para acompanhar as transmissões de futebol. Dos nove integrantes do grupo focal, sete disseram preferir ver os jogos pela TV, enquanto um escolheu ver a partida pela televisão, mas escutando a transmissão radiofônica, e um afirmou preferir ouvir pelo rádio do que ver o jogo pela televisão. Dos nove integrantes do grupo focal, somente dois nunca tiveram a experiência de ver o jogo pela TV, escutando a transmissão da partida pelo rádio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa nos permitiu observar as diferenças entre a narração das partidas de futebol no rádio e na televisão, ao mesmo tempo em que conseguimos perceber a avaliação do público que acompanha futebol por um ou por ambos os meios de comunicação. As características relacionadas ao futebol, junto ao estudo teórico da prática do jornalismo esportivo, nos dois meios, também foram relevantes para entender o processo de narração de futebol e sua relação com o torcedor, amante do esporte.

Do retorno obtido pelo grupo focal, o trabalho nos permitiu entender que enquanto o rádio supera a televisão em emoção, a força da imagem trouxe para a TV um novo patamar para as transmissões esportivas. Conseguimos observar também o quanto um modelo pode ser mais identificado com um determinado tipo de pessoa do que o outro.

Pelas opiniões dos participantes do grupo focal, ainda tivemos a oportunidade de perceber que os narradores de rádio podem conter certo exagero em suas transmissões, mas algo passível de entendimento na medida em que eles precisam manter a audiência, fomentando o imaginário do torcedor. Por outro lado, o narrador de televisão não tem a necessidade de uma descrição tão detalhada dos fatos, pois o telespectador o acompanha vendo, de fato, o jogo. Isso, como apontado pelos integrantes do grupo focal, nos permitiu também perceber que a narração televisiva faz com que o torcedor forme uma opinião de determinado lance, que pode ou não ir

de encontro com a fala do narrador. No rádio, o locutor pode ser identificado como o dono de uma verdade momentânea.

Dentre essas e as demais opiniões verificadas no grupo focal, não se pode afirmar que elas agrupam a opinião de todos que acompanham o futebol. Ou ainda que são certas ou erradas. Mas como a escolha dos componentes do estudo de caso foi feita a partir de diferenças como idade, escolaridade e classe econômica, podemos notar a chance de uma aproximação com o cenário de grande parte dos brasileiros.

Esta pesquisa pode servir de embasamento para estudos futuros que abordem a narração de futebol no rádio e na televisão. Além disso, o trabalho aqui realizado pode ser alvo de novos debates sobre os dois modelos da narração esportiva, incluindo suas características, diferenças e potencialidades.

ABSTRACT

This research promotes a discussion about the differences between soccer and radio narration in Brazil. Our goal was to try to understand the scenario of sports broadcasts in the two media considered at the reception of the audience: men and women, who like football. For this, we study some aspects of this sport, the history of the sports newspaper in the country and its practice, the radio and TV resources, as well as the narrations of matches in both media. We also held a focus group, which watched and debated football pitches narrated on radio and television.

Key words: Narration. Soccer. Radio. Television.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto. **Manual do jornalismo esportivo** / Heródoto Barbeiro, Patrícia Rangel. – 2. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2006.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo focal. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 180-192.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio X TV: o jogo da narração**. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Juiz de Fora: Juizforana Gráfica e Editora, 2012.

_____. **Você, ouvinte, é a nossa meta**. A importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol. Etc Editora, 2002.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual do locutor esportivo**/ Carlos Fernando Schinner. -1. ed.- São Paulo: editora Panda, 2004.

UNZELTE, Celso. **Jornalismo esportivo**: relatos de uma paixão, v.4./ Celso Unzelte; Magaly Prado (org.). - São Paulo: Saraiva, 2009.

ANEXO

A – AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a minha família, em especial aos meus pais, Wesley e Aparecida, pela luta diária e apoio incondicional durante minha caminhada acadêmica para que agora eu possa concluir mais esse objetivo. A José Luiz Ribeiro e Márcia Falabella, pelo aprendizado simultâneo a minha formação, em uma escola de vida chamada Grupo Divulgação. Ao CES-JF e aos amigos que conheci durante esses quatro anos, pelos novos laços de amizade. Aos professores com quem estudei neste tempo de faculdade, minha gratidão pelo ensino, disponibilidade e ajuda diária. Aos amigos e profissionais da CBN Juiz de Fora, que também me proporcionaram grandes ensinamentos durante o tempo de estágio. À Gilze Bara, orientadora deste trabalho, o meu agradecimento pelo cuidado, carinho e companheirismo. Por fim, agradeço a Deus, pela possibilidade de chegar até aqui.